

Universidade de Brasília – UNB



Instituto de Letras – IL

Departamento de Teoria Literária e Literatura - TEL

Maria de Fátima da Costa Marques

Jeca Tatu: Recepção e Representação Literária da  
Ideia de Progresso

BRASÍLIA

2014

# Maria de Fátima da Costa Marques

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para a obtenção da licenciatura em Letras Português e Respectivas Literaturas no Programa de Graduação da Universidade de Brasília.

ORIENTADOR

Professor Dr. Sidney Barbosa

Brasília

2014

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>4</b>
<b>2. CAPITULO I - BREVE BIOGRAFIA .....</b>	<b>06</b>
<b>3. CAPÍTULO II-JECA-TATU: UM PERSONAGEM EIVADO DE QUESTÕES SOCIAIS.....</b>	<b>12</b>
<b>4. CAPÍTULO III – AS CONSEQUÊNCIAS DE “URUPÊS”: A RESSURREIÇÃO DO JECA TATU.....</b>	<b>17</b>
<b>5. CAPITULO IV- IDEALIZAÇÕES DE LOBATO SOBRE O PROGRESSO.....</b>	<b>22</b>
<b>5.1 - As ideias de progresso expressas no Jeca Tatu .....</b>	<b>22</b>
<b>5.2 – As falhas teóricas do progressso.....</b>	<b>25</b>
<b>CAPITULO V - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>26</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>27</b>
<b>ANEXO - JECATATUZINHO .....</b>	<b>29</b>

# 1. INTRODUÇÃO

José Renato Monteiro Lobato, ou simplesmente Monteiro Lobato é um dos escritores mais lidos nacionalmente. Sua obra é vasta e diversificada. À medida que o tempo passa o Jeca Tatu, a ideia de progresso, de identidade e cultura nacional, e o próprio Lobato são assuntos que parecem ganhar vida ao se fazerem permanentes nos debates de senso comum ou nos mais cientificamente elaborados.

Lobato iniciou sua história como escritor, escrevendo livros direcionados ao público adulto. Porém a certa altura muda o foco e passa a escrever direcionado às crianças. Escritor crítico e combativo publicou em 1918 o livro que lhe deu projeção nacional e um dos mais importantes de sua carreira: *Urupês*. Neste livro surge o personagem Jeca Tatu, símbolo do caipira brasileiro e objeto de análise deste trabalho. Nesse sentido, procuraremos investigar como se deu a representação literária da ideia de progresso expressa no conto de Monteiro Lobato: *Jeca Tatu - A Ressurreição*. Conto com maior distribuição no Brasil, em todos os tempos. Para tanto optamos por um recorte bem específico da obra lobatiana. Trabalharemos com a literatura adulta de Lobato produzida entre meados das décadas de 1910 e 1920, mais particularmente os livros *Urupês* (1917) e o *Problema Vital* (1918) especificamente o conto *Jeca Tatu - A ressurreição*. E ainda, num esforço que visa uma maior compreensão do autor, um livro contendo cartas trocadas por ele e seu amigo Godofredo Rangel ao longo da vida de ambos: a *Barca de Gleyre* (1964).

A propósito do título de *A barca de Gleyre*, Edgard Cavalheiro explica no prefácio do livro que no Minarete – um pequeno chalé situado no bairro Belenzinho, na cidade de São Paulo – onde Lobato e seus amigos se reuniam, havia, fixado na parede, um quadro chamado “Ilusões Perdidas”, de autoria de Charles Gleyre. Este quadro trazia a figura de uma nau, cuja proa voltava-se para o cais, onde se encontrava um velho com o braço estendido sobre uma lira. Ao reunir as cartas em um livro, Cavalheiro lhe dá o sugestivo nome de *A barca de Gleyre*, em alusão explícita ao quadro. Sugestivo, pois a leitura das cartas indica que, ao final de sua vida, Lobato já havia perdido muito das suas ilusões em relação ao Brasil.

No entanto, é em *Jeca Tatu - A ressurreição* no qual concentraremos uma análise mais aprofundada. O objetivo principal desse trabalho é explicitar como se deu a recepção historiográfica, de seu personagem Jeca Tatu e como a ideia de progresso é retratado nessa

obra. Acreditamos que para o estudo de um personagem literário, como o Jeca Tatu, é fundamental o estudo de seu criador, no caso, o escritor Monteiro Lobato. Contista, ensaísta, tradutor e editor, razão pela qual procuraremos trazer uma breve biografia do autor.

Ao pensar em Monteiro Lobato é imprescindível analisar o contexto histórico em que ele estava inserido. Numa breve contextualização da época em que Monteiro Lobato criou esse personagem é possível perceber que o Brasil vivia uma crise no âmbito da saúde pública. Eram doenças que surgiam e permaneciam, sem serem solucionadas ou sequer diagnosticadas de forma segura, muitas pessoas acabaram vítimas de forma fatal devido à falta de conhecimento sobre tais doenças. Monteiro Lobato procurou, com a figura do Jeca Tatu, acordar os cuidados brasileiros com relação ao interior desconhecido, que não era apenas majestoso nas suas florestas e rios, mas também doloroso no seu atraso e nos seus vícios.

## 2. CAPITULO I - Breve biografia

Os escritos acerca da obra do taubateano José Bento Monteiro Lobato são numerosos. Um de seus mais proeminentes biógrafos, Edgard Cavalheiro no prefácio das *Obras Completas de Monteiro Lobato 1ª série – Urupês* fala-nos um pouco sobre as origens desse escritor. Trata-se de informações cruciais para uma melhor compreensão da personalidade do criador do livro de maior circulação no Brasil em todos os tempos: *Jeca Tatuzinho – A Ressureição*.

Monteiro Lobato nasceu em Taubaté, em 18 de abril de 1882. Dez anos depois mudaria “Renato” para Bento, segundo o próprio Lobato, por causa de uma linda bengala que seu pai possuía e que tinha uma inscrição gravada com as iniciais J.B.M.L. Assim, as suas iniciais ficavam iguais as do pai. Descendente de antigos fazendeiros de café do Vale do Paraíba, único varão da família, cresceu nessa zona rural, interessando-se pelo homem e pelos problemas do campo. Essa vivência marcou profundamente sua prática literária. Segundo Cavalheiro, Monteiro Lobato desde que foi alfabetizado sempre esteve às voltas com os livros. Foi uma criança tímida e pouco faladora, mas extremamente observadora. Formou-se bacharel em Direito aos vinte e dois anos para satisfazer o avô, mas sua verdadeira paixão sempre foi a literatura. Antes da publicação de seu primeiro livro, *Saci-Pererê*, em 1917, Lobato já publicara em jornais vários contos, sob os mais diversos pseudônimos. Sua primeira publicação com o seu próprio nome foi *Gens Ennuyeux* escrito para concorrer a um concurso literário no qual ganhou o primeiro lugar.

A sua vasta obra é dividida, pelo próprio Lobato, em duas partes, quais sejam: “Literatura Geral”, obra destinada aos adultos e a outra parte “Literatura Infantil” obviamente destinada às crianças. Este é o público ao qual Lobato se dedicou na sua segunda fase literária e que lhe trouxe grande notoriedade. Sua obra da literatura geral sempre foi bastante contundente e denunciativa. Segundo Cavalheiro foi uma obra de combate:

De “Urupês” a “Escândalo do Petróleo”, com escalas por “Cidades Mortas”, ideias de Jeca Tatu”, “Ferro”, “Mr. Slang e o Brasil” ou “Problema vital”, o que temos diante de nós não é o beletista deslumbrado pelo vocábulo raro ou pelo período arrumadinho, não é o vago escriba orientado ao sabor das conveniências sociais e muito menos o mercenário à disposição dos “donos da vida” (CAVALHEIRO, *in* LOBATO, 1964, p. 3.).

Ao se ler as obras de Lobato na parte em que se denomina “Literatura Geral” é patente a denúncia, a indignação, a ironia e o sarcasmo sempre voltados às elites políticas, aos artistas aos pensadores ou quaisquer pessoas com as quais não concordava. É o que afirma Alfredo Bosi:

Ele foi, antes de tudo, um intelectual participante que empunhou a bandeira do progresso social e mental de nossa gente. E esse pendor para a militância foi se acentuando no decorrer da sua produção literária... Moralista e doutrinador aguerrido, de acentuadas tendências para uma concepção racionalista e pragmática do homem... (BOSI, 2006 p. 215)

Em Carta, datada de 1920, endereçada para Godofredo Rangel, amigo com o qual trocou correspondências ininterruptamente por mais de quarenta e cinco anos, ele diz que a raiva e a indignação eram seus melhores combustíveis.

Estou triste, Rangel, porque verifiquei que só escrevo coisas que prestem quando sob a influência da indignação. É a minha musa, a Cólera! Todos os meus contos e artigos brotam desse sentimento criador. (LOBATO, 1964, p. 213)

Esse espírito contestador leva Monteiro Lobato a dedicar-se, cada vez mais, ao exercício da escrita e da reflexão acerca da literatura em nosso país. Embora simpático aos ideais de progresso divulgados e adotados pela França: ao escritor francês, Émile Zola e conseqüentemente, à perspectiva literária racionalista por ele adotada, Lobato ficava contrariado ante a atmosfera francesa que se respirava no ambiente cultural brasileiro e entre os seus intelectuais. Essa hegemonia cultural francesa entre nós, em vigor desde o século XVIII, o irritava, particularmente. Dotado de um ingênuo ponto de vista nacionalista, desejava uma literatura genuinamente nacional com características nossas. Nessa espécie de revolta cultural, Monteiro Lobato reflete e elabora o seu projeto literário, pensado como elemento de ruptura com a tradição literária vigente, como anuncia, recorrentemente, a Godofredo Rangel, em sucessivas cartas, entre 1912 e 1914. Estas cartas foram posteriormente publicadas em 1943 no seu livro a *Barca de Glayre*, livro este fundamental para compreensão do homem e do escritor em análise.

Lobato sempre buscou a originalidade na escrita e apesar de vários contos e artigos publicados em diversos jornais, do seu notório prestígio entre os colegas em Taubaté, que queriam lançá-lo no meio literário, o criador do Jeca só veio publicar o seu primeiro livro aos trinta e cinco anos e ainda não com o seu nome e sim sob o pseudônimo de “Demonólogo Amador”, visto que esse livro versava sobre uma figura folclórica ainda pouco estudada, o

Saci-Pererê. Segundo o próprio Lobato, ele não o publicara antes por não se sentir seguro com o que tinha escrito e por não querer imitar ninguém. Isto está claro nesse trecho de uma carta enviada a seu amigo Rangel: “*Nada de imitar seja lá quem for. Temos de ser nós mesmos... Ser núcleo de cometa, não cauda. Puxar fila, não seguir.*” (LOBATO, 1964, p. 7). Lobato dizia que não queria aparecer simplesmente porque tinha um livro publicado, não queria seu nome ligado a uma obra medíocre, suas ambições eram altas e ousadas. Senão vejamos:

Quero contos como os de Maussapant ou Kipling, contos concentrados em que haja dramas ou que me deixem entrever drama. Contos com perspectivas. Contos que façam o leitor interromper a leitura e olhar para uma mosca invisível com olhos grandes, parados. Contos estopins, deflagradores das coisas, das ideias, das imagens, dos desejos, de tudo que existe sem expressão dentro do leitor. E Conto que ele possa resumir e contar a um amigo, que interesse esse amigo. (LOBATO, 1964, p. 8).

Mas isso não era fácil, visto que ele quis começar pelos Contos, aquilo que o escritor argentino Julio Cortazar chama de o gênero “... *que se propõe como uma máquina infalível destinada a cumprir sua missão narrativa com a máxima economia de meios...*”, (CORTAZAR, 1974, p. 228.). Ou ainda a definição dada por Massaud Moisés que afirma ser o conto um gênero que requer unidade dramática e unidade de ação, a saber:

O conto aborrece as digressões, as divagações, os excessos. Ao contrário: cada palavra ou frase há de ter sua razão de ser na economia global da narrativa, a ponto de, em tese não se poder substituí-la ou alterá-la ou alterá-la sem afetar o conjunto. Para tanto, os ingredientes narrativos galvanizam-se numa única direção, ou seja, em torno de um único drama ou ação. (MOISÉS, 2006, p. 41)

Todos esses pré-requisitos que torna esse gênero um dos mais difíceis de se produzir. E o escritor iniciante, dono de uma autocrítica poderosa, sabia que ainda não detinha todos os elementos necessários para a exposição de suas ideias em poucas palavras de forma breve, concisa, clara e suficiente. É o que se pode inferir do trecho de carta enviada a seu amigo Rangel quando Lobato era ainda apenas um aspirante a escritor:

Tenho um defeito grave: espremo demais o enredo, não esclareço bem, não dou coloridos de transição, faltam-me tons, passo bruscamente duma coisa para outra, de modo que eu me entendo mas me entendem os outros. (LOBATO, 1964, p. 7).

Todavia, apesar de todos esses cuidados para que a ninguém copiasse, segundo Alfredo Bosi, não obtivera êxito, uma vez que em seus textos observa-se fortemente rastros do estilo de Eça de Queiroz e de Camilo Vozes.

A sua obra de narrador entronca-se na tradição pós-romântica: retalhos de costumes interioranos, muita intenção satírica, alguma piedade e efeitos variamente sentimentais ou patéticos. Apesar de pontilhada de raro em raro por molde convencional. O modelo não atingido Eça de Queiroz, pela carga irônica e o gosto da palavra pitoresca. Um resto de purismo (que ele tão bem satirizou em “O colocador de Pronomes”) levava-o a catar em Camilo Vozes e torneios castiçamente lusos. (BOSI,2006, p. 216).

Todavia, esses traços vão se dissipando na medida em que o escritor vai amadurecendo e adquirindo sua própria personalidade literária, como afirma seu biógrafo Edgard Cavalheiro:

Em “Urupês”, além do riquíssimo e apropriado vocabulário (que iria deslumbrar um Cândido Figueiredo), havia outras coisas...Nada da falsa literatice tão em moda, da superafetação bombástica de frases ocas, e sim literatura da boa fonte, não somente de em emoção e sabedoria, mas também de humanidade, de calorosa simpatia para com o homem e a terra. (CAVALHEIRO, 1964, p. 21.)

Monteiro Lobato destaca-se ainda por ter sido o primeiro editor verdadeiramente brasileiro. Antes de Lobato, os escritores que se aventuravam a escrever normalmente tinham seus livros produzidos e impressos na Europa.

Convém recordar que até então não tínhamos tido verdadeiramente nenhum editor nacional. Garnier, Briguier, Garraux e outros imprimiam na França. Uma ou outra casa arriscava-se a lançar vagos volumes, em geral mal impressos e pessimamente distribuídos. Éramos um país sem leitores e sem oficinas tipográficas. (CAVALHEIRO, 1964, p. 25).

Contudo Lobato investiu pesadamente nesse mercado em uma época em que a indústria do livro sequer cogitava fazer sucesso no Brasil. Ele foi o primeiro a anunciar seus livros em revistas e jornais e com isso aumentou consideravelmente suas vendas. Isso, contudo, não aconteceu sem escandalizar os mais conservadores, estes acreditavam que o fato de colocá-los como mercadoria rebaixaria o valor literário do livro, pois acreditavam a propaganda diminuía a importância desse objeto símbolo de status social, é o que aponta Cavalheiro.

E quando Lobato apareceu anunciando seus livros foi um escândalo, pois ninguém compreendia que o livro fosse uma mercadoria anunciável. Para muito, isso parecia um rebaixamento dos valores intelectuais, uma coisa não muito nobre... Mas Lobato não se media pela bitola comum. Livro para ele era coisa para ser vendida e lida por toda gente, devia circular como qualquer outra mercadoria. (CAVALHEIRO, 1964, p. 25).

A princípio, a primeira impressão que essa opinião de Cavaleiro nos traz é um tanto romântica, a de que Lobato estava verdadeiramente preocupado com a divulgação da cultura. Mas não é isso que se depreende quando lemos as cartas de Lobato, enviadas no mesmo período, a seu amigo Rangel, e publicadas posteriormente, no livro *A Barca de Glayre*:

Tens toda e nenhuma razão. Tens-na no meu caso: não sou literato, não pretendo ser, não aspiro a louros acadêmicos, glórias, bobagens. Faço livros e vendo-os porque há mercado para a mercadoria; exatamente o negócio do que faz vassouras e vende-as, do que faz chouriço e vende-os. (LOBATO, 1964, p. 211).

Mas é inegável, que preocupado ou não com a difusão da cultura a iniciativa de Monteiro Lobato foi um dos precursores na publicação, distribuição e venda de livros no Brasil, o que colabora com a melhoria intelectual e humana de um ainda pouco apreciador da cultura.

Lobato foi, antes de tudo, um grande empreendedor, um sonhador que corria atrás da realização dos seus sonhos sem medir esforços e sem se importar com seus críticos. Cassiano Nunes, um dos grandes estudiosos de Lobato, cita um trecho de uma fala de Lobato que retrata bem esse lado do escritor.

“Haverá alguma coisa no mundo que não se gestasse por esse processo, primeiro o sonho, depois a realização?” E acrescentava: “Havemos de sonhar porque o sonho é o primeiro passo de todas as realizações...”. (CAVALHEIRO, *apud* NUNES, 1998, p. 15).

Para melhor exemplificar e na tentativa de resumir quem foi esse ser complexo, escritor, empreendedor, crítico e jornalista que respondia pela alcunha de Monteiro Lobato trazemos ainda uma citação encontrada no livro de Cassiano Nunes:

As duas grandes ambições, as duas grandes serras que se defrontavam e se opunham sem eu espírito, eram a do escritor e a do homem de negócios, do sonhador e do homem de ação, do poeta e do prático. E no meio dessas duas ambições a sua vida seguia o seu curso como o velho Paraíba, ora se aproximando de uma serra ora se aproximando de outra, enfeitando, como aquele rio majestoso o faz às suas plagas, todo o interlúdio entre os dois maciços, com as flores da formação de artista. O Paraíba Lobato representava naquele vale de inteligência tão bem aquinhoados o velho problema da insatisfação humana. (TRAVASSOS, *apud* NUNES, 1998, p. 15).

Monteiro Lobato foi e ainda é um dos grandes pensadores do conceito de nação e da formação do povo brasileiro, um aguerrido lutador quando se tratou de pensar o progresso da

nação. Muitas vezes criticado e incompreendido quando das suas duras críticas ao nosso atraso e da nossa passividade perante esta situação. Uma análise distanciada mostra que ele apenas queria um país formado por pessoas mais críticas, cultas e menos conformadas com o discurso conservador das oligarquias.

### 3. CAPITULO II - Jeca-Tatu: um personagem eivado de questões sociais

Entre 1912 e 1914, segundo as cartas publicadas no livro *a Barca de Glayre*, já mencionado anteriormente, é quando começa a ser “concebido” seu polêmico personagem Jeca Tatu. “*Pela primeira vez, toca no “caboclo como o piolho da terra.” A ideia persiste, ainda muito vaga e difusa...*” (CAVALHEIRO, 1964, p.12.). Sua intenção era escrever algo tipicamente nacional, despidido dos traços românticos que ele tanto criticava na literatura brasileira meio romântica e meio parnasiana de sua época, “*sem laivos nem sequer rastros de qualquer influencia europeia*” (LOBATO, 1964). Lobato nessa época era fazendeiro, herdara a fazenda de seu avô, e estava às voltas com os empregados de suas fazendas, com as questões rurais reais e não aquelas imaginadas pelos escritores seus contemporâneos, estes, na sua concepção, idealizavam o caboclo. Vejamos o que afirma seu biógrafo.

O Contato com o homem da terra e o homem da hinterlândia leva-o a observar como os brasileiros cultos desconheciam as coisas mais primárias da vida do nosso caboclo. Como falseavam, romantizando-o. O que ele tem ali, á sua frente, não é um homem sadio e valente, espirituoso e decidido. É um pobre ser humano, doente, molenga, incapaz de ação e de pensamento. (CAVALHEIRO, 1964, p.12.)

Todas essas observações levaram Lobato a ir amadurecendo a ideia e em 1914 culmina com as publicações de “Velha Praga” e do conto “Urupês”, publicados no jornal O Estado de S. Paulo em novembro. Estes contos integrariam, mais tarde, a obra *Urupês*, livro que o lançou e consolidou nacionalmente. Estes dois contos apresentam ao leitor um dos personagens de Monteiro Lobato que mais se popularizaria e criaria raízes no imaginário social brasileiro: o Jeca Tatu personagem vivo até hoje na memória do brasileiro.

Publicado em 1918 o livro *Urupês* tornou-se imediatamente um fenômeno literário, ainda que não existisse uma boa política de distribuição de livros, Lobato conseguiu um feito para a época. “*Urupês*” *caiu como uma bomba na pasmaceira do ambiente...A primeira, segunda e terceira edições sucederam-se rápida e ruidosamente...* (CAVALHEIRO 1964, p.18), sucesso que surpreenderia até mesmo o autor que em carta a seu amigo Rangel, publicada no livro *A Barca de Glayre* diz não saber o motivo pelo qual o público estava tão interessado em seu livro.

Já estou promovendo nova tiragem. Vendo-me como pinhão cosido ou pipoca em noite de “escavalinho”. Por que gosta o público de mim dessa maneira? Acho intrigado. Tudo que imprimo voa. A quinta edição de *Urupês*, como se retardasse no prelo, foi vendida antes de sair. (LOBATO, 1964, p.207).

*Urupês* suscitou críticas e elogios e logo Lobato estava envolto em uma grande polêmica acerca do seu personagem Jeca Tatu.

Acontecera que Monteiro Lobato criara um tipo destinado a provocar incontáveis discussões, a fazer carreira, a permanecer como um dos únicos “tipos” da literatura brasileira. Uns queriam que o Jeca fosse verdadeiro, representasse a expressão mais pura do nosso caipira; outros acoimaram a criação falsa, de exagerada. . (CAVALHEIRO p. 19.)

Isso ocorreu porque o escritor chocara a opinião pública acostumada a ver o caboclo superestimado e idealizado dentro dos padrões da literatura romântica. Lobato criticava, sobretudo, o indianismo característico de Alencar, que fizera sucesso no Brasil no século XIX e que insistira em perdurar no século XX. Eis o que ele afirma a este respeito:

O indianismo está de novo a deitar copa, de nome mudado. Crismouse de “caboclismo”. O cocar de penas de arara passou a chapéu de palha rebatido à testa; o ocará virou rancho de sapé; o tacape afilou, criou gatilho, deitou ouvido e é hoje espingarda troxadal o boré descaiu lamentavelmente para pio de inambu; a tanga ascendeu a camisa aberta ao peito. (LOBATO, 1964, p.183.)

O livro trazia uma caricatura nada abonadora do caipira. Com um estilo absolutamente naturalista Lobato enfatizava a fraqueza, as doenças e angústias do caboclo e menosprezava suas qualidades e capacidades. Segundo o escritor ele não estava a criar nada de novo, ele não fazia mais do que “retificar” a imagem do caipira, estilizada ao extremo. O que fica patente, a partir da leitura dos artigos e cartas de Monteiro Lobato, escritos na época da publicação de *Urupês*, é que sua intenção era, não apenas acabar com a imagem romantizada do caipira, incrustada no imaginário popular da época, mas ele ambicionava também expor o subdesenvolvimento de um país semi-arcaico, que sempre se moderniza em partes, nunca completamente.

O livro *Urupês* é composto de vários contos de diferentes temas e entre eles encontra-se aqueles que trazem a caracterização do “Jeca”, quais sejam: *Velha Praga e Urupês*. Nestes, Lobato descrevia o homem rústico como o piolho da terra inadaptável à civilização, desconfiado e avesso ao progresso. Aqui cabe uma curiosidade sobre o título desse livro que seria o significado da palavra *Urupês*. A definição da palavra se refere-se a um fungo parasita

presente na madeira em estado de apodrecimento. Note-se que, até na escolha do nome do seu conto Lobato utiliza a metáfora do parasitismo para retratar a condição do caipira. Ali o caboclo é colocado na mesma condição do parasita da árvore, este seria o parasita do meio, que busca tirar dele o mínimo possível para a sua sobrevivência.

Vejamos um fragmento do conto *Velha praga* constante do livro *Urupês* que melhor exemplifica o que estamos a falar:

Este funesto parasita da terra é o caboclo, espécie de homem baldio, seminômade, inadaptável à civilização, mas que vive à beira dela na penumbra das zonas fronteiriças. À medida que o progresso vem chegando com a via férrea, o italiano, o arado, a valorização da propriedade, vai ele refugindo em silêncio, com o seu cachorro, o seu pilão, a pica-pau e o isqueiro, de modo a sempre conservar-se fronteiriço, mudo e sorna. Encoscorado numa rotina de pedra recua para não adaptar-se. (LOBATO, 1964, p. 161)

Quando da publicação de *Velha Praga* em 1912, grande foi a repercussão e a indignação de alguns. Lobato, no entanto, no conto seguinte, *Urupês*, trata de ser ainda mais cáustico e feroz em sua crítica, pois enaltece traços do caipira no extremo do caricatural. Ali preguiça, a falta de senso crítico, a superstição e a desconformidade com o meio em que vive são levados a um extremo inverossímil. Abaixo relacionamos alguns pontos dessa caricatura. Em relação ao convívio social do Jeca Lobato satiriza a capacidade de expressão de ideias do caboclo:

Hei-lo que vem falar ao patrão. Entrou, saudou. Seu primeiro movimento após prender entre os lábios a palha de milho, sacar o rolete de fumo e disparar a cusparada d'esguicho, é sentar-se jeitosamente sobre os calcanhares. Só então destrava a língua e a inteligência.

- "Não vê que...De pé ou sentado as idéias se lhe entramam, a língua emperra e não há de dizer coisa com coisa. De noite, na choça de palha, acocora-se em frente ao fogo para "aquentá-lo", imitado da mulher e da prole. Para comer, negociar uma barganha, ingerir um café, fazê-lo noutra posição será desastre infalível. Há de ser de cócoras. (LOBATO, 1964, p.183)

E ainda, no conto, este é apresentado como um arremedo de lavrador e comerciante. O caipira, graças à sua indolência, sobrevive por *espremer todas as consequências da lei do menor esforço*, tendo como prática uma agricultura rudimentar e apenas de subsistência. Incapaz de trabalhar a riqueza do solo, o caboclo subsiste graças à generosidade da terra, como interpreta Lobato:

Quando comparece às feiras, todo mundo logo adivinha o que ele traz: sempre coisas que a natureza derrama pelo mato e ao homem só custa o gesto de espichar a mão e colher – cocos de tucum ou jissara, guabiobas, bacuparis, maracujás, jataís, pinhões... gamelas, pilõesinhos, colheres de pau. Nada mais. Seu grande cuidado é espremer todas as consequências da lei do menor esforço – e nisto vai longo. Começa na morada. Sua casa de sapé e lama faz sorrir aos bichos que moram em toca e gargalhar ao João-de-Barro. Pura biboca de bosquimano. Móvel, nenhuma. A cama é uma espigada esteira de peri posta sobre o chão batido. Às vezes se dá ao luxo de um banquinho de três pernas – para hóspedes. Três pernas permitem equilíbrio inútil, portanto, meter a Quarta, o que ainda o obrigaria a nivelar o chão?... (LOBATO, 1964, p. 184).

Segundo Marisa Lajolo (2000) a repercussão de ambos os artigos é imensa, não só pelo tom de Lobato, mas porque em sua voz ressoa a insatisfação dos fazendeiros paulistas que, artífices da República, consideravam-se lesados pela política em vigor. Lobato é a “voz do sertão”, mas é a voz do proprietário, daquele que vê em seu agregado o responsável pelos seus males de fazendeiro, e por isso o compara a um parasita. Esta é sem dúvida uma visão classista do homem do campo. No entanto, a descrição que Lobato faz do “caipira” deixa claro o rompimento com a idealização que as classes cultas faziam do homem do campo.

Vários críticos e escritores a ele contemporâneos censuraram seus artigos e sua postura, incondizentes, segundo eles, com o verdadeiro caboclo nacional. Até mesmo livros surgiram discutindo se o Jeca era um retrato real do Caboclo ou apenas imaginação de Lobato.

Um certo Leônidas Loyola, por exemplo, publicou um volumezinho indignado, no qual verberava “essa campanha sistemática de depreciação e ridículo do homem e das cousas do Brasil” “Campanha dizia ele, que está formando em nossa pátria uma geração de céticos e de pessimistas, por um lado, concorrendo por outro lado, para nosso descrédito no estrangeiro”. (CAVALHEIRO, 1964, p. 19.)

Em 1920, Câmara Cascudo, em artigo para a *Revista do Brasil*, cujo título era “*A humanidade de Jeca Tatu*”, faz um apanhado dos vários tipos surgidos a partir da polêmica do Jeca. Personagens que se diferenciavam em certos aspectos, mas que acabavam se assemelhando em outros. Em seu artigo ele apresenta “*a oposição dos jecas em transição evolutiva*”, a saber: o Jeca Sertanejo, o Jeca, forte, e o Jeca sábio, entre outros. Vejamos alguns trechos desse artigo, primeiro um trecho em que ele apresenta os “vários tipos” retratados a partir da polêmica de Lobato e em seguida um trecho em que ele demonstra no que todos se assemelham.

Criou-se o Mané Chique-Chique, esgalgado, escanifrado, cavalgando um cavalo raquítico, de ancas a furar a pele, contando aos pulos e às reviravoltas proezas e façanhas guerreiras, com o chapéu de couro desabado, metido a duro, de faca à cinta, garrucha ao quarto, cigarro à boca. Quase imediatamente apareceu o Jeca Leão, com um fulgor que lhe dá o seu papá Rocha Pombo. Surgem livros, lutam e discutem, e Jeca coça a cabeça admirado de ser de um momento para outro, célebre. (CASCUDO, 1920).

E continua

. Não quer dizer que o sertanejo, lutando contra os elementos, arrastando as longas caminhadas sob um sol de fogo, entrando destemido nas matas amazônicas, seja literalmente um Jeca Tatu. Porém, quem viaja e quem vê pelo sertão o fatalismo sertanejo, a limitação da sua agricultura, a instintiva desconfiança pela civilização, a sua habitual indolência que o faz esquecer a rude lição das cenas e nada enceleirar nos anos de inverno, a sua palestra, a sua ignorância política, enfim, os remédios populares, a ingênua credence dos curandeiros e das mezinhas verá a imensa verdade das páginas vivas do “Urupês”. (CASCUDO, 1920).

No entanto Câmara Cascudo finaliza seu artigo defendendo e engrandecendo o caipira, que mesmo ingênuo e conformado com os ditames da Natureza representava uma variante de um povo no qual ele fazia parte e se orgulhava.

E é grata a verdade que Jeca Tatu mesmo de cócoras, com o cão magro à porta, a prole doentia, a casa enlameada, o cigarro apagado atrás da orelha, votando sem saber em quem, crendo em tudo, com o tamborete de três pernas e a viola tristonha levanta onde está o gonfalão vistoso de uma variante à energia brasileira, respeitada e seguida por uma boa porcentagem dos que habitam e são filhos da “ditosa pátria minha amada”. (CASCUDO, 1920).

*Urupês* teve ainda seu discurso utilizado para fins políticos e sociológicos a exemplo de Rui Barbosa que utilizou o texto para atacar o governo da época.

#### 4. CAPITULO III - As consequências de “*Urupês*”: a ressurreição do Jeca Tatu.

Com *Urupês*, Monteiro Lobato demonstra a consciência crítica das mazelas nacionais. O personagem *Jeca Tatu*, fotografa o atraso de parcela da sociedade. No entanto, até então Lobato tinha o entendimento de que a culpa pela condição daqueles “Jecas” era fruto apenas da inércia das pessoas habitantes da zona rural. Apenas mais tarde ele se deu conta que grande parte da culpa pelas condições precárias do caboclo era resultante do descaso dos governantes com as condições de vida dessa gente. Tanto que mais tarde em sua obra Lobato procura se redimir com o “Jeca” e chega a dizer que se arrependia de ter pintado o caipira em cores tão fortes e de culpá-lo por coisas das quais ele não era diretamente responsável. Vejamos o que nos revela seu biógrafo já tantas vezes citado neste trabalho.

A propósito, Lobato muitos anos depois, faria uma auto-exegese honesta, severa, explicando as condições psicológicas que motivaram a deformação da figura do Jeca. Ele se penitencia, dizendo que por um defeito de criação, não via a miséria humana, ou a via apenas sob um aspecto estético.(CAVALHEIRO, 1964 p. 20).

E prossegue citando uma fala de Lobato:

Quando comecei a sentir todo o seu horror o drama da miséria humana ( de que o Jeca não passa de humilde ilustração) era tarde, minha obra literária já se havia cristalizado e morto estava meu interesse pelas letras. (CAVALHEIRO, 1964 p. 20).

Este reconhecimento de Monteiro Lobato quanto à condição do Jeca é o que o leva a quando da publicação do seu livro *O Problema Vital* trazer o conto *Jeca Tatu – A Ressurreição* cuja epígrafe era: “*O Jeca não é assim: está assim*”. A partir dessa constatação toda a abordagem por parte de Lobato acerca do Caipira toma outro enfoque.

Note-se que, toda a polêmica em torno do Jeca já vinha sendo discutida desde 1912 sendo que atingiu o seu auge em 1918 quando da publicação de *Urupês*, tendo em vista o maior alcance que o livro atingiu. Foi então que a partir desse mesmo ano Lobato começou a publicar no Jornal *O Estado de São Paulo* artigos voltados a redenção do Jeca. Essas mudanças se deram em grande medida por causa da criticidade de Lobato com sua obra. A Polêmica em torno de *Urupês* levou o escritor a se interessar mais a fundo pelo nosso homem rural e suas dificuldades. É ai que ele se depara com as campanhas pró-saneamento com a qual Belisário Pena, Artur Neiva e Osvaldo Cruz estavam trabalhando.

Os artigos que Lobato passou a publicar e que mais tarde foram reunidos em um livro cujo título é: *O Problema Vital* (1918), expressam uma nova perspectiva do universo caboclo, e deixa patente o desejo de Lobato de que o Brasil deveria deixar sua condição rural e entrar de vez no progresso. O entusiasmo de Lobato com as recentes medidas sanitárias, em processo de implantação no país, graças aos esforços, tanto de Osvaldo Cruz como de Belisário Pena, é bastante explícita nos artigos da época, vejamos um trecho do artigo *Dezessete milhões de opilados*, que antecedeu publicação de seu Jeca ressuscitado:

Foi mister que nascesse Osvaldo Cruz, que Osvaldo fundasse Manguinhos, que Manguinhos reunisse em seu seio uma plêiade de estudiosos, e que dentre eles Belisário Pena desferisse um grito lancinante de angústia para que afinal volvêssemos para os males caseiros os olhos há tantos anos postos nas coisas européias. Ah, se o Brasil que fala e pensa e age consagrasse ao estudo e solução dos problemas internos um décimo das energias despendidas em comentar os fatos europeus... (LOBATO, 1964, p. 237).

É neste contexto que emerge as discussões sanitaristas e interpretações acerca da sociedade brasileira; o pensamento Lobatiano cria agora uma dicotomia acerca de personagens muito próximos, de um lado o Jeca Tatu, e do outro o Jeca Tatuzinho este último relacionado com a Saúde Pública e a Educação. Se no primeiro momento o jeca aparece como doente preguiçoso e incivilizado nesse segundo momento renasce o *Jecatatuzinho* como vítima. Aqui é o estado verminoso e a precariedade da saúde pública os responsáveis pela indolência e preguiça do seu personagem cabendo ao Estado assumir o papel de regenerar os homens rurais por meio de políticas sanitaristas.

Em *Jeca Tatu – A ressurreição* Lobato retoma o Jeca Tatu, seu personagem de 1914, ainda descrito no início da história como um caboclo “doente e preguiçoso”, proprietário de um pequeno sítio onde apenas plantava o suficiente “para não morrer de fome”. Abaixo um pequeno trecho:

Jeca só queria beber pinga e espichar-se ao sol, no terreiro. Ali ficava horas, com o cachorrinho rente, cochilando. A vida que rodasse, o mato que crescesse na roça, a casa que caísse. Jeca não queria saber de nada. Trabalhar não era com ele. Perto morava um italiano já bastante arranjado, mas que ainda assim trabalhava o dia inteiro. Por que Jeca não fazia o mesmo? Quando lhe perguntavam isso, ele dizia: - Não paga a pena plantar. A formiga come tudo. - Mas como é que seu vizinho italiano não tem formiga no sítio? - É que ele mata. E por que você não faz o mesmo? Jeca coçava a cabeça, cuspiam por entre os dentes e vinha sempre com a mesma história: - Quá! Não paga a pena ... - Além de preguiçoso, bêbado; e além de bêbado, idiota, era o que todos diziam. (LOBATO, 1964, p. 231).

Mas depois de receber a visita de um médico e tomar os remédios indicados “pela ciência”, o Jeca Tatu tornou-se forte, trabalhador, eficiente e ambicioso.

Um dia um doutor portou lá por causa da chuva e espantou-se de tanta miséria. Vendo o caboclo tão amarelo e magro, resolveu examiná-lo. - Amigo Jeca, o que você tem é doença. - Pode ser. Sinto uma canseira sem fim, e dor de cabeça, e uma pontada aqui no peito, que responde na cacunda. - Isso mesmo. Você sofre de ancilostomíase. - Anci... o que? - Sofre de amarelão, entende? Uma doença que muitos confundem com a maleita. - Essa tal maleita não é sezão? - Isso mesmo. Maleita, sezão, febre palustre ou febre intermitente: tudo a mesma coisa. A sezão também produz anemia, moleza e esse desânimo do amarelão; mas é diferente. Conhece-se a maleita pelo arrepio ou calafrio que dá, pois é uma febre que vem sempre em horas certas e com muito suor. O Doutor receitou-lhe o remédio adequado, depois disse: “e trate de comprar um par de botina e nunca mais me ande descalço nem beba pinga, ouviu?” (LOBATO, 1964, p. 232).

Dessa forma, Lobato redime seu antigo Jeca Tatu do pecado capital da preguiça, enquanto revisita o seu olhar anterior:

Candido Fontoura, um proeminente empresário e farmacêutico da época, aproveitando a campanha sanitária faz uma aliança com Lobato e passa a usar este conto para divulgar o seu produto contra o amarelão, o *Biotônico Fontoura*, assim ambos ganham duplamente. Lobato ver seu conto altamente difundido e servindo a causa que ele adotara e Fontoura vendia seu produto de maneira prodigiosa. A história sofre pequenas adaptações para atender a propaganda. Vejamos um pequeno fragmento do trecho citado anteriormente conforme divulgado no folheto dos produtos Fontoura. A citação foi retirada de um repositório virtual onde se encontra a obra de Lobato.

Conhece-se a maleita pelo arrepio ou calafrio que dá, pois é uma febre que vem sempre em horas certas e com muito suor. Quem sofre de sezão sara com o MALEITOSAN FONTOURA. Quem sofre de amarelão sara com a ANKILOSTOMINA FONTOURA. Eu vou curar você. (LOBATO, 2014).

Assim o livro *Jeca Tatuzinho* veio ensinar noções de higiene e saneamento, por meio do personagem-símbolo criado por Monteiro Lobato. Este livro passaria a ser conhecido como *o Best seller dos Best Sellers*, pois devido à política utilizada na distribuição gratuita do folheto, junto com os produtos Fontoura, em 1982 atinge a marca de cem milhões de exemplares distribuídos nos locais mais recônditos do Brasil. É o que afirma Silviano Santiago:

Jeca Tatu foi escrito por fazendeiro para agregados, isto é, para ser lido por aqueles que, julgava serem os jecas tatus da vida. Não é por acaso que, até 1982, as edições do *Jeca Tatuzinho*, financiadas pelo Laboratório Fontoura, tenham ultrapassado a marca dos cem milhões de exemplares. Deve ser o *best-seller* dos *best-sellers* brasileiros. (SANTIAGO, 2003, p. 660).

No livro *MR. Slang e o Brasil e Problema Vital*, da editora Brasiliense, publicado em 1964, no final do conto *Jeca Tatu – A ressurreição*, há uma nota bem interessante acerca da circulação de *Jecatatu* até aquele momento. Achamos importante trazê-la a luz neste trabalho porque reforça a importância que teve este escrito especialmente para a população rural da época.

Esta pequena história teve um curioso destino. Adotada por Candido Fontoura esse homem de visão tão penetrante, para propaganda de seus preparados medicinais contra a malária e a opilação, vem sendo espalhada pelo país inteiro na maior abundância. As tiragens já alcançaram vinte milhões de exemplares--- e prosseguem... Não há recanto do Brasil, não há fundo de sertão, onde quem sabe ler não haja lido o “Jecatatu”, que é o nome popular da história por causa do pequeno formato das edições distribuídas. E desta forma, graças à ação de Fontoura, as noções dadas em “Jecatatu” sobre as origens da malária e da opilação já entraram no conhecimento do povo roceiro, habilitando milhares e milhares de criaturas a se defenderem e também a se curarem, quando por ela alcançados. (LOBATO, 1964, p. 340)

A partir dessas notas pode se afirmar que a propaganda dos produtos dos *Laboratórios Fontoura* vem justamente mostrar, didaticamente, que era a ignorância a principal causa daquilo que sempre fora pintada como sendo a “preguiça” do caboclo. Assim, *Jecatatu* se aproxima, concomitantemente, ora de um receituário, ora um texto de propaganda, utilizado como suplemento dos produtos medicinais do Laboratório Fontoura, no entanto, esses textos agora são. perpassados pela ideologia do progresso . Em sua nova percepção do mundo caboclo, o escritor propõe, pelo caminho da literatura, a inserção do caipira no mundo do capital, do progresso, da ciência e da riqueza individual, conforme se deduz da leitura de seus textos produzidos entre 1918 e 1924 e de mais um excerto do livro *Jeca tatu*.

Em pouco tempo os resultados foram maravilhosos. A porcada aumentou de tal modo, que vinha gente de longe admirar aquilo. Jeca adquiriu um caminhão, e em vez de conduzir os porcos ao mercado pelo sistema antigo, levava-os de auto, num instantinho, buzinando pela estrada afora, fon-fon! Fon-fon! ... As estradas eram péssimas; mas ele consertou-as à sua custa. Jeca parecia um doido. Só pensava em melhoramentos, progressos, coisas americanas. Aprendeu logo a ler, encheu a casa de livros e por fim tomou um professor de inglês. - Quero falar a língua dos bifos para ir aos Estados Unidos ver como é lá a coisa. O seu professor dizia: - O Jeca só

fala inglês agora. Não diz porco; é pig. Não diz galinha; é hen... Mas de álcool, nada. Antes quer ver o demônio, que um copinho da "branca"...(LOBATO, 1964, p. 337)

Depois de adotadas todas as providencia indicadas pelo médico essa é a situação do caboclo. Curado, Jeca cuida da sua família, ganha disposição, adquire novos hábitos e termina se transformando em fazendeiro rico e divulgando o tratamento à a comunidade ao seu redor.

Cabe ressaltar que, a campanha sanitarista, com o apoio de Lobato acabou “forçando” o governo a dar atenção ao problema sanitário. O código sanitário foi remodelado e transformado em lei. A solução desse problema de saúde da população, através das ações do Estado, baseadas no conhecimento científico característico do higienismo, daria ao Brasil a possibilidade de se equiparar aos países mais desenvolvidos do planeta – tidos como parâmetro de modernidade - atingindo o progresso material e cultural tão almejado por Monteiro Lobato.

## **5. CAPÍTULO IV - IDEALIZAÇÕES DE LOBATO SOBRE O PROGRESSO**

### **5.1: As ideias de progresso expressas no Jeca Tatu**

Segundo nossas pesquisas é possível afirmar que, a partir de meados do século XIX, o imaginário paulista esteve pautado nas ideias de progresso e modernidade, concepção essa mais difundida depois do advento da República, em que os republicanos viam com desprezo o passado colonial e imperial, considerando estes modelos como formas atrasadas de vida. Assim, cada vez mais as referências europeias e, posteriormente, norte-americanas, foram trazidas como padrão a ser seguido, em detrimento do patrimônio cultural nacional. Em meio a essas modificações, surgiu Jeca Tatu que é um discurso coletivo, proferido não só por Monteiro Lobato, mas também pelos cafeicultores do Vale do Paraíba e depois pelos sanitaristas que tentaram combater as inúmeras doenças existentes entre a população brasileira, motivadas pela extrema falta de higiene.

Mas antes de adentrarmos nessa discussão é necessário trazer a lume algumas definições para o termo “progresso” segundo alguns dicionários e teóricos da área.

O Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa define progresso como a ação ou resultado de progredir; movimento para a frente; avanço; desenvolvimento; a evolução da humanidade, da civilização; modernização. (HOUAISS, 2009. p.1558). Já no Dicionário de filosofia de Nicola Abbagnano, encontramos a seguinte acepção:

Esse termo designa duas coisas: 1ª uma série qualquer de eventos que se desenvolveram em sentido desejável; 2ª a crença de que os acontecimentos históricos desenvolveram-se no sentido mais desejável, realizando um aperfeiçoamento crescente.” (ABBAGNANO, 2000. p. 79).

Já para o teórico Gilberto Dupas o progresso seria algo mítico e que por vezes aliena as pessoas quanto às possíveis benesses que este traria sempre, ele afirma: O progresso é um mito renovado por um aparato ideológico interessado em convencer que a história tem destino certo e glorioso. (DUPAS, 2007).

A partir dos estudos efetuados depreende-se que o conceito de progresso utilizado na obra de Lobato é aquele trazido por Houaiss. Visto que, quando das suas críticas ao atraso do país o que está em evidencia são expressões antônimas aquelas personificadas pelo progresso, a saber: “pobreza material”, baixo nível técnico, doenças endêmicas, ignorância, “incultura

científica” e a existência de uma população “negativa”, enquanto elemento de produção.

Isto posto, ao confrontarmos, em *Velha Praga*, a preguiça do Jeca e as ideias de progresso imbricadas no texto é possível justificar a afirmativa que fizemos acima. O texto evidencia o culto ao progresso por meio do discurso valorativo da via férrea, do italiano, do arado e da valorização da propriedade. Ao cotejarmos o Jeca de *Velha Praga* com o Jeca de *Jeca Tatu – A ressurreição* o que vemos é o discurso lobatiano do crescimento por meio do trabalho e da valorização da terra. Visto que, o primeiro Jeca era um agregado. O segundo, Jeca Tatuzinho, um pequeno proprietário, que por isso, e só assim, conseguiu enriquecer e tornar-se fazendeiro.

Esses elementos configuradores do progresso são largamente utilizados em *Jeca Tatu – A ressurreição*. Pois demonstra, paulatinamente, a modernização do caboclo. Este depois de curado de suas doenças deixa de ser o preguiçoso contumaz e passa a crescer economicamente de forma gradativa até se tornar um rico fazendeiro. Vejamos alguns trechos daquele livro que embasam esta afirmação.

Jeca, cheio de coragem, botou abaixo um capoeirão para fazer uma roça de três alqueires. E plantou eucaliptos nas terras que não prestavam para cultura. E consertou todos os buracos da casa. E fez um chiqueiro para os porcos. E um galinheiro para as aves. O homem não parava, vivia a trabalhar com fúria que espantou até o seu vizinho italiano. (LOBATO, 1964, 334).

As características do progresso perpassam todo o conto pontos: tais como: o empenho ao trabalho, a capacidade de iniciativa, a preocupação com os caminhos da nação, a atualização nas questões políticas e nas novas descobertas científicas, expressos em *Jecatuzinho* denotam características de progresso. Vejamos como essas medidas mudaram a vida do Jeca.

Em pouco tempo os resultados foram maravilhosos. A porcada aumentou de tal modo, que vinha gente de longe admirar aquilo. Jeca adquiriu um caminhão Ford, e em vez de conduzir os porcos ao mercado pelo sistema antigo, levava-os de auto, num instantinho. (LOBATO, 1964, 335).

Salvar o povo da situação de abandono por parte do Estado brasileiro e torná-lo capaz de promover o progresso do país eram os fios condutores das ideias de Lobato. Essa necessidade de fazer com que a população se tornasse útil estava ligada ao desejo dele de que o Brasil acertasse o passo com os países mais desenvolvidos. As referências aqueles países

que estavam conseguindo entrar na era industrial e desenvolver rapidamente seu capital humano bem como suas indústrias são despidoramente mencionados por Lobato neste novo conto.

A fazenda do Jeca tornou-se famosa no país inteiro. Tudo ali era por meio do rádio e da automação. Jeca, de dentro do seu escritório, tocava num botão e o cocho do chiqueiro se enchia automaticamente de rações muito bem dosadas. Tocava outro botão e um repuxo de milho atraía todo o galinhanme!... Suas roças eram ligadas por telefones. Da cadeira de balanço na varanda, ele dava ordens aos feitores, lá longe. Chegou a mandar buscar nos Estados Unidos um telescópio para poder olhar de longe todas as suas fazendas (LOBATO, 1964, 338).

Chama a atenção, os símbolos que o autor utiliza e que representam o progresso desejado e perseguido por Lobato. As cercas, o caminhão Ford, as referências aos Estados Unidos, a automação, entre outros, são signos representativos do moderno, do progresso e da civilização, desenvolvida.

O desejo de Lobato de que o Brasil desse certo e também entrasse de vez na era industrial era tamanha que ele não mediu esforços em propagandear os benefícios da exploração do ferro, do petróleo, da educação e mais especificamente em *Jecatatuquinho* as concepções anunciadas pelos adeptos ao discurso higienizador. Lobato acreditava que se o povo fosse curado primeiramente de suas mazelas adquiridas por causa da falta de saneamento básico este povo seria capaz de se tornar autônomo e ator ativo no desenvolvimento do Brasil. Corrobora essa afirmação o discurso da pesquisadora Tania Regina de Luca.

O discurso dos higienistas resumiam-se na erradicação das doenças infecto-contagiosas e das endemias, com a finalidade de permitir a fundação de um sistema de trabalho eficiente, produtivo, dentro dos parâmetros exigidos pela economia de mercado, além de reabilitar e valorizar o brasileiro, ou melhor, discipliná-lo, adestrá-lo, moralizá-lo para transformá-lo em um agente capaz de materializar as inúmeras potencialidades da terra. (DE LUCA, 1999. p.216)

Para além disso, o discurso de *Jecatatuquinho* nos leva a acreditar que o uso de medicamentos, não está apenas associado à cura da doença, o amarelão, mas também, à possibilidade de progresso, à recuperação da produção e da produtividade do país, uma vez que, nesta nova interpretação sobre os males da nação, a improdutividade do caipira não seria proveniente da indolência, mas da doença.

## 5.2: As falhas teóricas do progresso.

Apesar de todos os benefícios que traz o progresso há uma corrente de pensadores que acredita que o progresso nem sempre é positivo. Alguns chegam a afirmar que essa teoria de que o progresso só traz benefícios não passa de mito, esta é a opinião do pesquisador Gilberto Dupas, como segue:

O progresso é um mito renovado por um aparato ideológico interessado em convencer que a história tem destino certo e glorioso. Porém, ela nem sempre tem este destino, pois o progresso tem inúmeras consequências negativas, como “exclusão, concentração de renda, subdesenvolvimento e graves danos ambientais, agredindo e restringindo direitos humanos essenciais.” (DUPAS, 2007, p. 13)

Monteiro Lobato, utilizando-se da influência de Friedrich Nietzsche para pensar o conceito de progresso, investiu nesse pensamento, até visualizar de perto as consequências que este projeto poderia causar. Lobato foi muito influenciado por este pensador, como se verifica em carta ao amigo Rangel, na qual recomenda a leitura de suas obras

Rangel: há muito que quero insistir em Nietzsche, e dele te mando um volume que lerás e devolverás, e então mandarei outro. Não há Nietzsches nas livrarias desta Zululândia. Estes me vieram de França. Considero Nietzsche o maior gênio da filosofia moderna – e o que vai exercer maior influencia. (LOBATO, 1964, p.. 65).

A partir dessas leituras, Lobato formulou suas críticas com relação ao progresso ao longo de sua vida e em obras das décadas de 1930 e 1940 (ao final da carreira). Nesta fase da vida do autor, o progresso aparece sempre ameaçado pela natureza humana, em função tanto dos problemas decorrentes da vida moderna como da eficiência bélica que ele traz.

## 6. CAPITULO V- Considerações Finais

Ao longo de todo esse trabalho procuramos mostrar a criticidade de Lobato em relação ao meio em que vivia e a sua obra. O crescimento do escritor, suas contradições estão diretamente ligadas a seu amadurecimento como pessoa. Lobato sempre foi combativo, nunca acomodado. Ao invés de enfeitar a figura do homem rural, ele esculpiu-a ao natural, dentro do seu próprio ambiente. O Jeca nasceu como uma reação, em princípio, do escritor contra a deformação do homem rural pelos literatos da cidade; depois, do fazendeiro contra o que julgava ser a principal causa dos seus males econômicos. Para o seu criador, o seu primeiro Jeca era a expressão de todas as qualidades negativas do brasileiro.

O precursor do movimento editorial modernista, e criador (arrependido) do Jeca Tatu,, Monteiro Lobato, tem grande importância em nossa literatura, foi um homem público que assumiu posição em todos os assuntos cadentes de sua época, não poupando críticas e opiniões nos artigos e cartas em que defendia essas posições.

Uma das características mais marcantes do escritor é seu engajamento, seu compromisso com seu tempo. Lobato lutou por um Brasil moderno, aos moldes americanos, capitalista, pelo menos esta é sua utopia até boa parte de sua obra. Assim se baseia sua luta pelo petróleo e sua impaciência frente ao atraso brasileiro.

A recepção crítica dos textos de Lobato causariam uma verdadeira comoção, ante os traços desumanizadores com os quais configura o seu Jeca. Apesar dessa recepção, o inquietante tema suscitado por Monteiro Lobato permanece revestido de uma importância atual. Sendo constantemente revisitado por variados discursos artísticos e ideológicos durante o todo o século XX. Dessa forma, o olhar de Lobato contribuiria para uma pluralidade de visão e de revisão do homem rústico do Brasil. Razão pela qual, somada à qualidade estética de seu texto, não obstante o prisma naturalista de apego à transparência da linguagem, que Lobato soube muito bem abrandar, se deve à persistente atualidade do Jeca lobatiano.

Por fim, Monteiro Lobato através de sua literatura e de seu personagem, mostrou seu engajamento social e conseguiu inserir-se no cenário nacional de uma maneira muito peculiar, abordando dos temas mais corriqueiros aos mais incomuns para sua época. Com originalidade, conseguiu discutir assuntos de extrema importância para o país, acompanhar a evolução da sociedade da qual fazia parte, encantar-se e desiludir-se com ela.

## Bibliografia

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Trad. Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BARSALINI, G. Mazzaropi: *o Jeca do Brasil*. Campinas: Átomo, 2002.

BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. 43 ed. – São Paulo: Cultrix, 2006.

CAMPOS, André Luiz Vieira de. *A República do pica-pau amarelo: uma leitura de Monteiro Lobato*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

CANDIDO, Antonio. *Os Parceiros do Rio Bonito: Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

CAVALHEIRO, Edgard. Prefácio *In* LOBATO, Monteiro. *Urupês*. Obras Completas de Monteiro Lobato. - 1ª série - Literatura Geral – Vol. 1, 13ª edição, Brasiliense, São Paulo: 1964.

CORTAZAR, Julio. Do conto breve e seus arredores. *in* *Valise de Cronópio* – Tradução, Davi Arrigucci Junior e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 1974.

DE LUCA, Tania Regina. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N) ação*. São Paulo: UNESP, 1999.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p.1558.

LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida*. São Paulo: Moderna, 2000.

LOBATO, Monteiro. *Urupês*. *In* Obras completas de Monteiro Lobato. - Vol. 1, 13 ed. São Paulo: Brasiliense, 1964.

LOBATO, Monteiro . *MR. Slang e o Brasil e Problema vital*. *In* Obras completas de Monteiro Lobato. Vol. 8, 11 ed. São Paulo: Brasiliense, 1964.

LOBATO, Monteiro. *A Barca de Glayre, 2º tomo*. *In* Obras Completas de Monteiro Lobato. Vol. 12, 13 ed. São Paulo: Brasiliense, 1964.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária: prosa*. 21 Ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

NAXARA, Márcia Regina Capelari. *Estrangeiro em sua própria terra*. São Paulo: Anna Blume / FAPESP, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich. Progresso e fim da história. In.. *Escritos sobre história*. Trad. Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC - Rio; São Paulo: Loyola, 2005.

NUNES, Cassiano. *Novos estudos sobre Monteiro Lobato*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

SANTIAGO, Silviano. *Monteiro Lobato hoje: ponto e vírgula*. In: ROCHA, João Cezar de Castro (Org.). *Nenhum Brasil existe*. Rio de Janeiro: Topbooks: UERJ, 2003.

TRAVASSOS, Nelson Palma. *Minhas Memórias dos Monteiros Lobatos*, p.67. in NUNES, Cassiano. *Novos estudos sobre Monteiro Lobato*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

### **Artigos da internet**

CASCUDO, Câmara. A humanidade do Jeca Tatu. In *Revista do Brasil*, Ano V, v.15, n.57 p.84-85, Setembro de 1920. Disponível em: [http://www.mcc.ufrn.br/portaldamemoria/wordpress/wp-content/uploads/2009/07/Jeca\\_Tatu.pdf](http://www.mcc.ufrn.br/portaldamemoria/wordpress/wp-content/uploads/2009/07/Jeca_Tatu.pdf). Acessado em: 19/04/2014.

DUPAS, Gilberto. *O mito do progresso. Novos estudos*. – CEBRAP, São Paulo, n.7, mar. 2007. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-33002007000100005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002007000100005). Acessado em 01/06/2014.

LOBATO, Monteiro. *Jeca Tatuzinho*. Disponível em: [http://lobato.globo.com/misc\\_jeca.asp](http://lobato.globo.com/misc_jeca.asp). Acessado em 20/04/ 2014.

## Anexo

### Jeca Tatuzinho



Lançado em 1924, o livro Jeca Tatuzinho veio ensinar noções de higiene e saneamento às crianças, por meio do personagem-símbolo criado por Monteiro Lobato. Oferecido anteriormente (1920) a seu amigo Cândido Fontoura para promoção dos produtos do laboratório Fontoura Serpe & Cia, em especial do Biotônico, chegaria a 100 milhões de exemplares no centenário de nascimento do escritor. Considerada a peça publicitária de maior sucesso na história da propaganda brasileira, inspiraria, naquele ano de 1982, a criação do Prêmio Jeca Tatu. Instituído pela agência CBBA - Castelo Branco e Associados, representou uma homenagem "à obra-prima da comunicação persuasiva de caráter educativo, plenamente enquadrada na missão social agregada ao marketing e à propaganda". O folheto do Biotônico Fontoura, cujo texto aqui reproduzimos, foi ilustrado em suas primeiras edições por Kurt Wiese e Belmonte e, em seguida, por J. U. Campos.

---

## I



Jeca Tatu era um pobre caboclo que morava no mato, numa casinha de sapé. Vivia na maior pobreza, em companhia da mulher, muito magra e feia, e de vários filhinhos pálidos e tristes. Jeca Tatu passava os dias de cócoras, pitando enormes cigarrões de palha, sem ânimo de fazer coisa nenhuma. Ia ao mato caçar, tirar palmitos, cortar cachos de brejaúva, mas não tinha idéia de plantar um pé de couve atrás da casa. Perto corria um ribeirão, onde ele pescava de vez em quando uns lambaris e um ou outro bagre. E assim ia vivendo. Dava pena ver a miséria do casebre. Nem móveis, nem roupas, nem nada que significasse comodidade. Um banquinho de três pernas, umas peneiras furadas, a espingardinha de carregar pela boca, muito ordinária, e só. Todos que passavam por ali, murmuravam: - Que grandessíssimo preguiçoso!

[Voltar ↑](#)

## II



Jeca Tatu era tão fraco que, quando ia lenhar, vinha com um feixinho que parecia brincadeira. E vinha arcado, como se estivesse carregando um enorme peso. - Por que não traz de uma vez um feixe grande? perguntaram-lhe um dia. Jeca Tatu cortou a barbicha rala e respondeu: - Não paga a pena. Tudo para ele não pagava a pena. Não pagava a pena consertar a casa, nem fazer uma horta, nem plantar árvores de fruta, nem remendar a roupa. Só pagava a pena beber pinga. - Por que você bebe, Jeca? diziam-lhe. - Bebo para esquecer. - Esquecer do quê? - Esquecer as desgraças da vida. E os passantes murmuravam: - Além de vadio, bêbado ...

[Voltar ↑](#)

## III



Jeca possuía muitos alqueires de terra, mas não sabia aproveitá-la. Plantava todos os anos uma rocinha de milho, outra de feijão, uns pés de abóbora e mais nada. Criava em redor da casa um ou outro porquinho e meia dúzia de galinhas. Mas o porco e as aves que cavassem a vida, porque Jeca não lhes dava o que comer. Por esse motivo o porquinho nunca engordava, e as galinhas punham poucos ovos. Jeca possuía ainda um cachorro, o Brinquinho, magro e sarnento, mas bom companheiro e leal amigo. Brinquinho vivia cheio de bernes no lombo e muito sofria com isso. Pois apesar dos ganidos do cachorro, Jeca não se lembrava de lhe tirar os bernes. Por que? Desânimo, preguiça... As pessoas que viam aquilo, franziam o nariz. - Que criatura imprestável! Não serve nem para tirar berne de cachorro...

[Voltar ↑](#)

## IV



Jeca só queria beber pinga e espichar-se ao sol, no terreiro. Ali ficava horas, com o cachorrinho rente, cochilando. A vida que rodasse, o mato que crescesse na roça, a casa que caísse. Jeca não queria saber de nada. Trabalhar não era com ele. Perto morava um italiano já bastante arranjado, mas que ainda assim trabalhava o dia inteiro. Por

que Jeca não fazia o mesmo? Quando lhe perguntavam isso, ele dizia: - Não paga a pena plantar. A formiga come tudo. - Mas como é que seu vizinho italiano não tem formiga no sítio? - É que ele mata. E por que você não faz o mesmo? Jeca coçava a cabeça, cuspiam por entre os dentes e vinha sempre com a mesma história: - Quá! Não paga a pena ... - Além de preguiçoso, bêbado; e além de bêbado, idiota, era o que todos diziam.

[Voltar ↑](#)

## V



Um dia um doutor portou lá por causa da chuva e espantou-se de tanta miséria. Vendo o caboclo tão amarelo e magro, resolveu examiná-lo. - Amigo Jeca, o que você tem é doença. - Pode ser. Sinto uma canseira sem fim, e dor de cabeça, e uma pontada aqui no peito, que responde na cacunda. - Isso mesmo. Você sofre de ancilostomíase. - Anci... o que? - Sofre de amarelão, entende? Uma doença que muitos confundem com a maleita. - Essa tal maleita não é sezão? - Isso mesmo. Maleita, sezão, febre palustre ou febre intermitente: tudo a mesma coisa. A sezão também produz anemia, moleza e esse desânimo do amarelão; mas é diferente. Conhece-se a maleita pelo arrepio ou calafrio que dá, pois é uma febre que vem sempre em horas certas e com muito suor. Quem sofre de sezão sara com o MALEITOSAN FONTOURA. Quem sofre de amarelão sara com a ANKILOSTOMINA FONTOURA. Eu vou curar você.

[Voltar ↑](#)

## VI



O doutor receitou um vidro de ANKILOSTOMINA FONTOURA, para tomar assim: seis comprimidos hoje pela manhã e outros seis amanhã de manhã. - Faça isto duas vezes, com o espaço de uma semana. E de cada vez tome também um purgante de sal amargo, se duas horas depois de ter ingerido a ANKILOSTOMINA não tiver evacuado. E trate de comprar um par de botinas e alguns vidros de BIOTÔNICO e nunca mais me ande descalço e nem beba pinga, ouviu? - Ouvi, sim, senhor! - Pois é isso, rematou o doutor, tomando o chapéu. A chuva já passou e vou-me embora. Faça o que mandei, que ficará forte, rijo e rico como o italiano. Na semana que vem estarei aqui de volta. - Até por lá, são doutor! Jeca ficou cismando. Não acreditava muito nas palavras da Ciência, mas por fim resolveu comprar os remédios, e também um par de botinas ringideiras. Nos primeiros dias foi um horror. Ele andava pisando em ovos. Mas acostumou-se, afinal...

[Voltar ↑](#)

## VII



Quando o doutor voltou, Jeca estava bem melhor, graças à ANKILOSTOMINA e ao BIOTÔNICO. O doutor mostrou-lhe com uma lente o que tinha saído das suas tripas: - Veja, sêo Jeca, que bicharia tremenda estava você a criar na barriga! São os tais ancilóstomos, uns bichinhos dos lugares úmidos, que entram pelos pés, vão varando pela carne adentro até alcançarem os intestinos. Chegando lá, grudam-se nas tripas e escangalham com o freguês. Tomando a ANKILOSTOMINA, você bota fora todos os ancilóstomos que tem no corpo. E andando sempre calçado, não deixa que entrem os que estão na terra. Fazendo isso e fortalecendo-se com alguns vidros de BIOTÔNICO, ovos e leite, você fica livre da doença para sempre. Jeca abriu a boca, maravilhado. - Os anjos digam amém, sêo doutor!

[Voltar ↑](#)

## VIII



Mas Jeca não podia acreditar numa coisa: que os bichinhos entrassem pelo pé. Ele era "positivo" e dos tais que "só vendo". O doutor resolveu abrir-lhe os olhos: Levou-o a um lugar úmido, atrás de casa, e disse: - Tire a botina e ande um pouco por aí. Jeca obedeceu. - Agora venha cá. Sente-se. Bote o pé em cima do joelho. Assim. Agora examine a pele com essa lente. Jeca tomou a lente, olhou e percebeu vários vermes pequeninos que já estavam penetrando na sua pele, através dos poros. O pobre homem arregalou os olhos, assombrado. - E não é que é mesmo? Quem "haverá" de dizer!... - Pois é isso, sêo Jeca, e daqui por diante não duvide mais do que disser a Ciência. - Nunca mais! Daqui por diante dona Ciência está dizendo, Jeca está jurando em cima! T'esconjuro! E pinga, então, nem para remédio...

[Voltar ↑](#)

## IX



Tudo o que o doutor disse aconteceu direitinho! Três meses depois ninguém mais conhecia o Jeca. A ANKILOSTOMINA curou-o do Amarelão. O BIOTÔNICO deixou-o bonito, corado, forte como um touro. A preguiça desapareceu. Quando ele agarrava no machado, as árvores tremiam de pavor. Era pã, pã, pã... horas seguidas, e os maiores paus não tinham remédio senão cair. E Jeca, cheio de coragem, botou abaixo o capoeirão, para fazer uma roça de três alqueires. E plantou eucaliptos nas terras que não se prestavam para cultura. E consertou todos os buracos da casa. E fez um chiqueiro para os porcos. E um galinheiro para as aves. O homem não parava, vivia a trabalhar com fúria que espantou até o seu vizinho italiano. - Descanse um pouco, homem! Assim você arrebenta... diziam os passantes. - Quero ganhar o tempo perdido, respondia ele, sem largar do machado. Quero tirar a prosa do "italiano".

[Voltar ↑](#)

## X



Jeca, que era um medroso, virou valente. Não tinha mais medo de nada, nem de onça! Uma vez, ao entrar no mato, ouviu um miado estranho. - Onça! Exclamou ele. É onça e eu aqui sem uma faca!... Mas não perdeu a coragem. Esperou a onça, de pé firme. Quando a fera o atacou, ele ferrou-lhe tamanho murro na cara que a bicha rolou no chão, tonta. Jeca avançou de novo, agarrou-a pelo pescoço e estrangulou-a. - Conheceu, papuda? Você pensa que está lidando com algum pinguço opilado? Fique sabendo que tomei ANKILOSTOMINA e BIOTÔNICO e uso botina ringideira!... A companheira da onça, ao ouvir essas palavras, não quis saber de histórias - azulou! Dizem que até hoje está correndo...

[Voltar ↑](#)

## XI



Ele, que antigamente, quando lenhava, só trazia três pausinhos, carregava agora cada feixe que metia medo. E carregava-os sorrindo, como se o enorme peso não passasse de brincadeira. - Amigo Jeca, você arrebenta! diziam-lhe. Onde se viu carregar tanto pau de uma vez? - Já não sou aquele de dantes! Isto para mim agora é canja...

respondia o caboclo, sorrindo. Quando teve de aumentar a casa, foi a mesma coisa. Derrubou no mato grossas perobas, atorou-as, lavrou-as e trouxe no muque para o terreiro as toras todas. Sozinho! - Quero mostrar a essa paulama quanto vale um homem que tomou ANKILOSTOMINA e BIOTÔNICO, que usa botina cantadeira e que não bebe nem um só martelinho de cachaça! O italiano via aquilo e coçava a cabeça. - Se eu não tropicar direito, este diabo me passa na frente. Per Bacco!

[Voltar ↑](#)

## XII



Dava gosto ver suas roças. Comprou arados e bois, e não plantava nada sem primeiro afofar a terra. O resultado foi que os milhos vinham lindos e o feijão era uma beleza. O italiano abria a boca, admirado, e confessava nunca ter visto roças assim. E Jeca já não plantava rocinhas, como antigamente. Só queria saber de roças grandes, cada vez maiores, que fizessem inveja no bairro. E se alguém lhe perguntava: - Mas para que tanta roça, homem? ele respondia: - É que agora quero ficar rico. Não me contento com trabalhar para viver. Quero cultivar todas as minhas terras, e depois formar aqui duas enormes fazendas - a Fazenda Ankilostomina e Fazenda Biotônico. E hei de ser até coronel... E ninguém duvidava mais. O italiano dizia: - E forma mesmo! E vira mesmo coronel! Per la Madonna!...

[Voltar ↑](#)

## XIII



Por esse tempo, o doutor passou por lá e ficou admiradíssimo com a transformação de seu doente. Esperara que ele sarasse, mas não contara com tal mudança. Jeca o recebeu de braços abertos e apresentou-o à mulher e aos filhos. Os meninos cresciam viçosos, e viviam brincando, contentes como os passarinhos. E toda gente ali andava calçada. O caboclo ficara com tanta fé no calçado, que metera botinas até nos animais caseiros! Galinhas, patos, porcos, tudo de sapatinho nos pés! O galo, esse andava de bota e espora! - Isso também é demais, são Jeca, disse o doutor. Isso é contra a natureza! - Bem sei. Mas quero dar um exemplo a esta caipirada bronca. Eles vêm aqui, vêm isso e não se esquecem mais da história.

[Voltar ↑](#)

## XIV



Em pouco tempo os resultados foram maravilhosos. A porcada aumentou de tal modo, que vinha gente de longe admirar aquilo. Jeca adquiriu um caminhão, e em vez de conduzir os porcos ao mercado pelo sistema antigo, levava-os de auto, num instantinho, buzinando pela estrada afora, fon-fon! Fon-fon! ... As estradas eram péssimas; mas ele consertou-as à sua custa. Jeca parecia um doido. Só pensava em melhoramentos, progressos, coisas americanas. Aprendeu logo a ler, encheu a casa de livros e por fim tomou um professor de inglês. - Quero falar a língua dos bifos para ir aos Estados Unidos ver como é lá a coisa. O seu professor dizia: - O Jeca só fala inglês agora. Não diz porco; é pig. Não diz galinha; é hen... Mas de álcool, nada. Antes quer ver o demônio, que um copinho da "branca"...

[Voltar ↑](#)

## XV



Jeca só fumava charutos fabricados especialmente para ele, e só corria as roças montado em cavalos árabes de puro sangue. - Quem o viu e quem o vê! Nem parece o mesmo. Está um "estranja" legítimo, até na fala. Na "Fazenda Biotônico" havia de tudo. Campos de alfafa. Pomares belíssimos com quanta fruta há no mundo. Até criação do bicho-da-seda; Jeca formou um amoreiral que não tinha fim. - Quero que tudo aqui ande na seda, mas seda fabricada em casa. Até os sacos aqui da fazenda tem que ser de seda, para moer os invejosos... E ninguém duvidava de nada. - O homem é mágico, diziam os vizinhos. Quando assenta de fazer uma coisa, faz mesmo, nem que seja um despropósito...

[Voltar ↑](#)

## XVI



A "Fazenda Biotônico" tornou-se famosa no país inteiro. Tudo ali era por meio do rádio e da eletricidade. Jeca, de dentro do seu escritório, tocava num botão e o cocho do chiqueiro se enchia automaticamente de rações muito bem dosadas. Tocava outro botão e um repuxo de milho atraía todo o galinhame!... Suas roças eram ligadas por telefones. Da cadeira de balanço na varanda, ele dava ordens aos feitores, lá longe. Chegou a mandar buscar nos Estados Unidos um aparelho de televisão. - Quero aqui desta varanda ver tudo o que se passa em minha fazenda.

E tanto fez, que viu. Jeca instalou os aparelhos, e assim pôde, da sua varanda, com o charutão na boca, não só falar por meio do rádio para qualquer ponto da fazenda, como ainda ver, por meio da televisão, o que os camaradas estavam fazendo.

[Voltar ↑](#)

## XVII



Ficou rico e estimado, como era natural; mas não parou aí. Resolveu ensinar o caminho da saúde aos caipiras das redondezas. Para isso montou na fazenda e vilas próximas vários POSTOS DE MALEITOSAN, onde tratava os enfermos de sezões; e também POSTOS DE ANKILOSTOMINA, onde curava os doentes de amarelão e outras verminoses. E quando algum empregado sentia alguma dor de cabeça, se estava resfriado, Jeca arrumava-lhe uns dois ou três comprimidos de Fontol, e imediatamente o homem estava bom, e pronto para o serviço. O seu entusiasmo era enorme. "Hei de empregar tôda minha fortuna nesta obra de saúde geral, dizia. Meu patriotismo é este. Minha divisa: Curar gente. Abaixo a bicharia! Viva o Biotônico! Viva ANKILOSTOMINA! Viva o Maleitosan! Viva o Fontol!" A estes vivas o coronel Jeca aumentou mais um. Foi quando apareceu o grande "liquida-insetos" chamado DETEFON e ele o experimentou na miuçalha da fazenda: pulgas, percevejos, piolhos, baratas, perrilongos e moscas. Deixou aquilo lá sem um só bichinho para remédio. Não contente com isso, Jeca tomou o hábito de nunca sair a cavalo ou de automóvel sem levar a tiracolo a bomba de pulverizar o DETEFON. Entrava nos casebres de beira de caminho e antes do "Bom dia!" punha-se fon, fon, fon, detefon, a pulverizar tudo, coisas e gentes. Quando acaba, dizia: - Ninguém faz a conta dos males que estes bichinhos causam à humanidade, como transmissores de moléstias... e dava mais umas bombadas de lambuja. E a curar gente da roça passou Jeca toda a sua vida. Quando morreu, aos 89 anos, não teve estátua ou grandes elogios nos jornais. Mas ninguém ainda morreu de consciência mais tranqüila. Havia cumprido o seu dever até o fim.

[Voltar ↑](#)

## XVIII



Meninos: nunca se esqueçam desta história; e, quando crescerem, tratem de imitar o Jeca. Se forem fazendeiros, procurem curar os camaradas. Além de ser para eles um grande benefício, é para você um alto negócio. Você verá o trabalho dessa gente produzir três vezes mais. Uma país não vale pelo tamanho, nem pela quantidade de habitantes. Vale pelo trabalho que realiza e pela qualidade da sua gente. Ora, ter mais saúde é a grande qualidade de um povo. Tudo mais vem daí. E o grande remédio que combate o amarelão, esse mal terrível que tantos braços preciosos rouba ao trabalho, é a ANKILOSTOMINA. Assim como o grande conservador da saúde, que produz energia, força e vigor, chama-se BIOTÔNICO FONTOURA.

[Voltar ↑](#)

---